

## **POÉTICAS AFRO-BRASILEIRAS: DIÁLOGO COM A A/R/TOGRAFIA**

Guadalupe da Silva Vieira

No cirandar, de enfatizar a importância desse projeto parece ser o mais simples desse relato, mas não é. No rodopiar “da gira”, fui buscando em meu armazém de memórias as expectativas em relação a construção dele. Agora ao relembra-las diante do teclado e da tela em branco percebo que é a materialização da atividade criadora, pois as demandas e ações passaram pelo processo criativo de elaboração e reelaboração. Juntamente com as angústias, emoções e afetos dos/das estudantes que ele se tornou real.

Um coletivo de ideias, expressões, frases e imagens que permitiu ver a Arte como protagonista de múltiplas possibilidades culturais para a escola e na escola.

No movimentar da roda, a proposta formativa constitui-se de experiências diferentes e entrecruzamento de histórias e pessoas. Propiciou a “inteireza” dos sujeitos participantes no contexto centrado nas representações artísticas e textuais envolvendo a aprendizagem sociointeracionista de Vygotsky.

Nesse sentido, o desafio em vincular a criação artística, imaginação e poéticas de artistas afrodescendentes ao diálogo com a A/R/Tografia desvelou uma pluralidade, uma dinâmica, potencializou a vivacidade, desenvolveu processos criativos.

O componente curricular Arte está centrado nas linguagens visuais, do teatro, dança, música e linguagens integradas em suas muitas faces entre o criar, ler, produzir, construir, exteriorizar, refletir. E, na A/R/Tografia o saber, o fazer e o realizar se fundem em formas de escrita para além da palavra e pensando a imagem enquanto texto. Diante dessas premissas que o objetivo dessa proposição pedagógica articulou experiências A/R/Tográficas e produções pictóricas de artistas afrodescendentes para que o (a) estudante desvelasse sua poética investigativa e imaginativa. Nesse processo conhecer distintas matrizes estéticas e culturais; explorar a atividade criadora através de leituras, diálogos e experimentações poéticas; provocar reflexão sobre a cultura afro-brasileira percebendo relações históricas, sociais e religiosas e exaltar a importância que

a imagem do negro e da negra esteja nos currículos escolares de maneira positiva e resignificada foram objetivos específicos.

Compartilhando o aprender, o fazer, o ser, de contar de si e acolher as memórias dos outros, os (as) participantes também, perceberam que um coletivo se formava.

As conversas em roda, o círculo formado para narrar o que foi experimentado e trocar percepções diversas permitiu que os (as) estudantes se olhassem diretamente nos olhos colocando todos (as) em posição de igualdade.

Estar na roda significava compartilhar as reflexões, chamar para o encontro e diálogo, narrar suas vivências. Era um ritual “de encontro, troca, afirmação de pertencimento e identidade de um grupo [...]. Exercício de alteridade na aventura de estar com o outro” (OSTETTO, 2009, p. 217).



**Figura 1 Registro Fotográfico da atividade “Estar com o Outro” 5º ano  
Fonte: Arquivo pessoal**

A sensação é que em cada encontro um novo contexto se descortinava e novas narrativas se configuravam, simbolizando novos conhecimentos.

Como elementos provocadores para a formação da roda, os (as) estudantes refletiram sua trajetória de estudo, os trabalhos de discussão, de pesquisas, do fazer artístico e da sua criação poética. Surpresa, curiosidade e riso foram manifestações frequentes.

As falas, durante e posteriormente a realização das atividades, deixaram transparecer uma memória viva na qual o sentido das coisas é reconstruído.

Neste processo não podemos desconsiderar o espaço individualizado da escola inserida em uma comunidade, com identidade e cultura próprias. Ela recebe um público de baixo poder aquisitivo. As famílias geralmente compostas por mães e filhos que, na sua maioria, dividiam a moradia com primos, tios, avós e outros parentes. A atividade profissional das famílias resume-se em papeleiros, catadores de lixo, biscateiros, pedreiros, faxineiros.

Essas diferenças me levaram a construir outros caminhos, desvendar outras abordagens, propor novos tipos de interações que dessem ao processo educacional, significados. Com isso precisei descompartmentar, desengavetar o aprendido, a fim de construir saberes específicos a este contexto. Saberes que oportunizaram articular a Arte nas vivências, na confiança, na autoestima e na aprendizagem dos (as) estudantes.

Percepção que abriu espaço para que as **Poéticas Afro-brasileiras: diálogo com a A/R/Tografia** se constituíssem em vivências para as turmas do 1º ao 5º ano, turno manhã, na EMEF Edgard Coelho/São Leopoldo/RS, 2019. Envolvendo, não apenas os 250 estudantes, mas também o seu entorno propiciando, nessa comunidade escolar, a conquista da significação do que fazem alimentada pelo contato com o artístico e pelo conjunto organizado de relações formais.

## **1 CRUZANDO SABERES. TECENDO HISTÓRIA**

Desde 2005 que ocorre a imersão no universo cultural africano e afro-brasileiro, na minha prática pedagógica, contribuindo para efetivar os objetivos previstos da Lei 10.639/03. Buscando respaldo nos projetos e inspiração na arte que ações pedagógicas foram pensadas para além dos conteúdos curriculares e temáticos. Para que os estereótipos e discriminações referentes à cultura do negro não se repetissem e nem se transformasse numa pedagogia de eventos. Mas que realmente estivessem incorporadas ao cotidiano escolar.

As possibilidades de disseminar ações afirmativas e artísticas apontando a diversidade cultural, repensando as relações me impulsionou para experimentar a fusão teoria, práxis e poética e, o de refletir sobre as identidades,

cultura, criação artística e sobre a imaginação nos processos de construção de conhecimento (FERNÁNDEZ, 2013, p. 12-13).

A escolha do tema *A/R/Tografia* integra a aproximação reflexiva acerca da escrita sensível e poética durante a dissertação do mestrado em Ciências e Tecnologias na Educação. A *A/r/tografia* se sustenta no questionamento (modo de buscar, questionar e problematizar) com a convicção de que este pode estar informado por e através das artes” (SPRINGGAY, 2008, p. 37).

Para fundamentar esse percurso, realizei uma revisão bibliográfica em bancos de teses, dissertações e artigos e estudos com autores que me ajudaram a pensar nas temáticas que se cruzam para a produção desse trabalho: a *A/R/Tografia*, *Estética de Artistas Afrodescendentes* e a *Arte Educação*.

Os saberes sensíveis e inteligíveis de Vygotsky relacionam-se à sua contribuição teórica sobre os processos de aprendizagem e de significação, bem como o aprofundamento de estudos e o entendimento dos processos de criação em arte através do conceito de *Atividade Criadora*. Vygotsky (2009) ressalta que não se cria do nada e que a criação individual é sempre um modo de apropriação da cultura, da história e do social. Ela não aparece de repente e sim gradualmente, compreendendo formas mais simples até mais elaboradas, e nesse percurso vai adquirindo sua própria expressão e seu próprio processo de criação. Essa atividade criadora não se revela somente nas grandes invenções e na genialidade, mas em tudo que emprega a imaginação, combinação, modificação e criação de algo novo.

Articulados aos pressupostos do pensamento de Vygotsky estão Belidson Dias (2013) e Rita Irwin (2008) que definem a PEBA<sup>1</sup> como uma forma de investigação que “aumenta a nossa compreensão das atividades humanas através dos meios artísticos, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (DIAS, 2013, pag. 28).

Nessa perspectiva, a *A/r/tografia* mescla narrativas que envolve a interlocução das ideias de Roberto Conduru (Discute a problemática cultural afro-brasileira e suas manifestações artísticas), Maria Cecília Felix Calaça (Dialoga com o legado ancestral africano para a produção estética contemporânea), Rosa Margarida de Carvalho Rocha (Orienta professores do

---

<sup>1</sup> PEBA: Pesquisa Educacional Baseada na Arte

ensino fundamental de como incluir o tema étnico-racial em todas as disciplinas do currículo); Ana Mae Barbosa (Defende a arte como cultura para o conhecimento da história), Kabengele Munanga ( Ressalta a questão simbólica presente na arte de cada cultura).

Dentre os referenciais artísticos, evidencio o encontro com as produções de artistas afrodescendentes que foram objetos de estudo nas vivências artográficas propostas com a finalidade de pensar uma Arte Afro-brasileira que se baseia em um corpo ancestral que é histórico e social.

## **2 CIRANDAR DE CORES, AROMAS, SABORES E SABERES**

A relação estabelecida entre A/r/tografia, imagem de obras de artistas afrodescendentes, experiência estética, mesclaram narrativas visuais ofereceram a possibilidade de trabalhar questões da experiência formadora dos (as) estudantes. Se configurou em um modo de colocar a criatividade à frente do processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, gerando inovadores e inesperados *insights*. Incentivando novas maneiras de pensar, engajar e interpretar seu processo criador.

As tarefas sugeridas remeteram aos (as) estudantes a intenção de contribuir para pensar numa Arte Afro-brasileira e estimular a discussão da temática da educação das relações étnicorraciais no ambiente escolar.

Nesse entendimento a aplicação dos instrumentos de investigação se deu durante o período de 31/05/2019 até 30/11/2019, o qual foi composto por encontros presenciais (sala de aula) e praticado em ambiente virtual (em casa/escola), através do uso de diversas tecnologias digitais.

Esses encontros presenciais e estudo teórico virtual tiveram inspiração no Ensino Híbrido:

O Ensino Híbrido é uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e atividades realizadas por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação. (BACICH; TANZI NETO& TREVISANI, 2015, p. 13)

As propostas de Ensino Híbrido organizam-se em quatro modelos: Rotação, Flex, À la Carte e Virtual Enriquecido A abordagem do modelo de

rotação, para este projeto está centrada na proposta de sala de aula invertida. Onde se estuda em casa, no formato on-line, ou em outros formatos que forem adequados ao propósito da atividade. E o espaço da sala de aula é utilizado para discussões e resolução de atividades. (SCHNEIDER; BLIKSTEIN; PEA, 2013).

Valendo-se desse ambiente didático/pedagógico que nossos encontros foram pensados na seguinte composição:

## 2.1 A Voz do Outro

### 2.1.1 Impressões Poéticas

Para dar início ao projeto e também, conhecer e perceber quais saberes e quais concepções traziam na relação entre as experiências em Arte realizou-se uma roda de conversa com as turmas. Na atividade Impressões Poéticas solicitou-se que completassem a frase que dava início a redação da resposta: 1. Arte é..., 2. Cultura afro-brasileira é..., 3. Memória que me acompanha..., 4. Chuva preferida..., 5. Um livro, 6. Uma frase..., 7. Um desenho na parede de casa..., 8. A imagem que vale mais que mil palavras ...



Figura 1 Nuvem de palavras relacionadas a atividade Impressões Poéticas 3º ano  
Fonte: Arquivo pessoal

### 2.1.2 Roda de Saberes

Em reuniões pedagógicas foi possível, apresentar ao grupo de educadores (as) a A/R/Tografia convidando-os a repensarem suas múltiplas subjetividades como artistas, pesquisadores (as) e professores (as).

Acesse o link e leia a produção de uma professora [https://drive.google.com/file/d/12aN8WoJZcxcT4DUUDiC79moMD\\_ick1E\\_/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/12aN8WoJZcxcT4DUUDiC79moMD_ick1E_/view?usp=sharing)

E, no decorrer do projeto houve a colaboração docente no acompanhamento da construção narrativa e escrita dos relatos dos (as)

estudantes. Principalmente, com aqueles do Ensino Fundamental em seus anos iniciais que estariam tendo o primeiro contato com atividades de letramento e alfabetização. Junto a professora que atende a Sala de Recursos organizamos, propostas de adaptação e adequação curricular em Arte.

O envolvimento da comunidade escolar na realização das atividades propostas partiu de seus saberes para aprender outros estabelecendo um sentimento de união, de pertencimento e identidade.

Na equipe gestora encontrei um trabalho coletivo que oportunizou atravessar o muro que separa a teoria da prática. Constituindo relações entre escola e comunidade. Também, aproximando a escola de outra ideia de si mesma.

Parcerias que possibilitaram melhorias nas atividades pedagógicas, como, por exemplo, entender a Arte e o componente curricular Arte como uma prática de ensino-aprendizagem cultural, que pode reconhecer as concepções artísticas africanas e suas inter-relações com o Brasil, a partir de novos materiais didáticos que contemplam tais aspectos.

### **2.1.3 Elementos Simbólicos e Poéticos**

Os conhecimentos do componente curricular Arte trazem possibilidades de leitura e combinações temáticas desafiadoras onde entram na roda as produções artísticas afrodescendentes.

Alguns (as) artistas afrodescendentes foram selecionados como objeto de estudo para cada um dos anos específicos. Destacamos, abaixo, essa organização:

#### **2.1.3.1 Turma do 1º ano<sup>2</sup>**

A escolha do tema se deu em razão do comentário da professora responsável pela biblioteca ao dizer que um estudante olhou para seu desenho e expressou “ Meu trabalho está lindo. A professora Guadalupe está me ensinando muito bem usar as cores”. Então, fui até a sala para ver o desenho do

---

<sup>2</sup> Como o público de estudantes deste segmento tem entre 6 a 7 anos, nas atividades propostas, valorizei aspectos essenciais desta fase, como a experimentação, a imaginação, a ludicidade e a interação.

estudante. Realmente estava bem pintado. Identificando, como ele disse: “\_ O céu, a terra e o mar. ”

A história era.... →



**Figura 3 Capa do livro Ouvindo as conchas do mar**  
Fonte: Arquivo pessoal

Naquele instante minha mente “me dizia” que essa temática renderia uma vivência a/r/tográfica, como a imensidão do mar!!!

Chegando em casa, procurei as conchinhas que estavam guardadas há muito tempo numa caixinha no fundo do armário. “Senti o cheiro do mar”... “E ouvi o barulho do mar!”

Areia, concha, mar.... Mergulhada nesse mar de ideias confeccionei, para contextualizar com a história um jogo que consistia em achar as silhuetas<sup>3</sup> das conchas.



**Figura 4 Atividade com o jogo pedagógico Silhuetas de Conchas**  
Fonte: Arquivo pessoal

Como professora alfabetizadora e arte/ educadora selecionei de um site um alfabeto formado com conchas do mar.



---

<sup>3</sup> No desenho a silhueta é a representação de qualquer imagem com traços simples. Geralmente a silhueta tem cor preta, dando destaque para as principais características da imagem. É importante lembrar que o desenho da silhueta deve mostrar claramente o objeto ou a pessoa desenhada simplesmente através do contorno ou perfil.



Recipiente com areia, conchas, fichas com o alfabeto de conchas foram os materiais utilizados para montarem a letra inicial do seu nome.



**Figura 5 Atividade para identificar a letra inicial do seu nome com conchas do mar.**

Ouvimos o barulho das conchas....



**Figura6 Atividade “Ouvindo as conchas do mar” 1º ano**  
Fonte: Arquivo pessoal

Descobrimos formas, texturas, tamanhos, materiais diferentes para representar as conchas...

Em suas falas surgiu o nome do ser fantástico que faz parte do imaginário das crianças: a Sereia<sup>4</sup>.

A obra de Abdias do Nascimento foi a “personificação” dessa figura mitológica.

Exploramos as cores, linhas, elementos simbólicos. Montamos quebra-cabeça e óculos **Amigo da Sereia**. Desenhamos, pintamos, cantamos!

Sereias apareceram nos filmes, leitura deleites, na pesquisa, na degustação da massa de conchinhas feita com carinho pelas manipuladoras de alimento Sara e Rute. Hummm!!! Delicioso.

Abdias do  
Nascimento



Tema para Léa  
Garcia: Oxunmaré  
Buffalo, NY, EUA,  
1971  
Acrílico sobre tela,  
106 x 156 cm

---

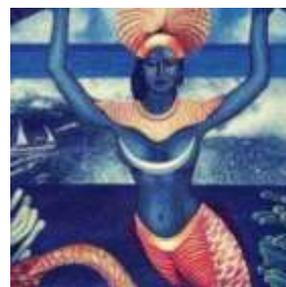
<sup>4</sup> Sereia é uma figura da mitologia universal, presente em lendas que personificam aspectos do mar ou os perigos que ele representa. Criaturas híbridas, representadas com o corpo de um peixe e a delicadeza de uma mulher



**Figura7 Atividade Degustação de “Conchas” 1º ano**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

Conversando com um amigo que reside em Moçambique sobre o projeto com a temática Sereia, o mesmo me informou que existe na mitologia africana, mais precisamente em Angola, a Kianda<sup>5</sup>, divindade africana que protege os pescadores.

Para compartilhar esse novo conhecimento com o grupo apresentei a imagem da Kianda e a sereia de pano que confeccionei.



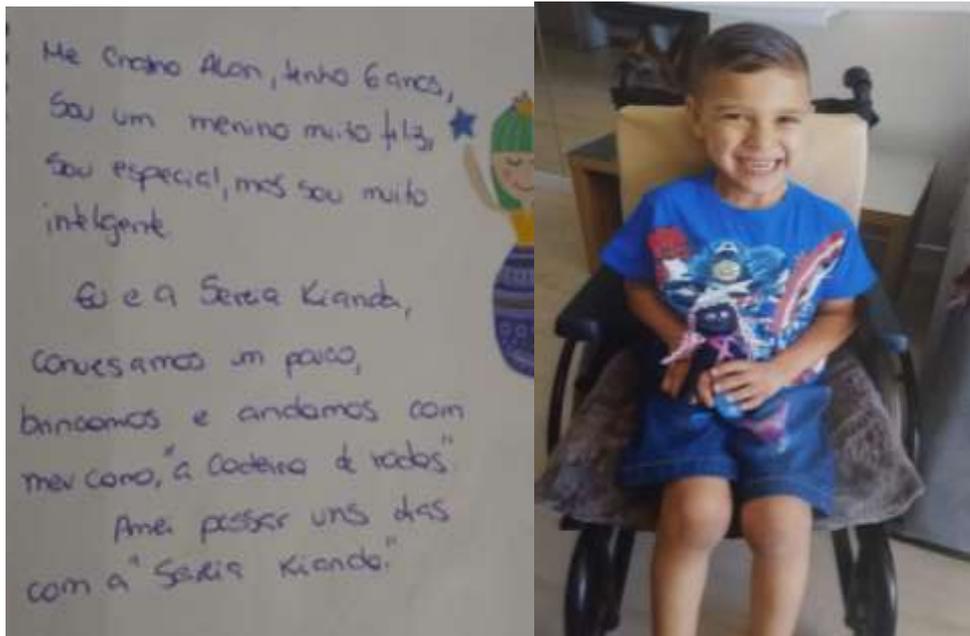
Automaticamente deram o nome para a sereia de pano de Kianda. Estamos “Sereiando” disse uma das meninas outra me perguntava se poderia levar para casa.

Para mergulhar na imaginação e envolver as famílias que organizei a sacola **Sereiando**. Dentro dela estava a sereia de pano, o livro **Todas as cores do Mar** e o **Diário das Sereias**.



---

<sup>5</sup> No dicionário quimbundo/português, a palavra quimbunda “kianda” significa um monstro fabuloso da mitologia, deus das águas que se pode traduzir pela palavra “sereia” no imaginário português.



**Figura8 Atividade "Sacola Sereiando" 1º ano**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

E as vivências a/r/tográficas foram se intensificando com a chegada de mais duas sereias. Presente da vó de uma das meninas.



**Figura9 Atividade "Teatrando com as Sereias" 1º ano**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

### 2.1.3.2 Turma do 2º ano

A ideia de trabalhar com essa temática foi escolha do grupo. A partir da fala de um deles quando comentou que tinham deixado gatos pretos no pátio da

sua casa. E que a vizinha falou que gato preto dava azar: “ \_ Profe, isso é verdade”. A conversa “rolou” solta até que uma voz soou “\_ Mas, Profe! Tem gato na Arte?”. Devolvi a pergunta “\_ O que você acha?” Não precisa nem dizer que logo o “burburinho ” se formou novamente. E com ele “ vamos investigar? ”

Então, para contextualizar a fala inicial solicitei como tarefa de casa que trouxessem uma gravura de gato.

Na aula seguinte conversamos sobre as características de cada gato e fizemos um cartaz. Desenharam o animal gato no quadro. E imitaram individualmente seu som. E depois todos juntos.

No Espaço Virtual de Aprendizagem pesquisamos sobre o artista Aldemir Martins. Observamos as obras dos gatos pintados por ele.

Levei algumas imagens para que escolhessem aquela que mais gostaram. Livremente foram trazendo informações sobre cores, textura, tamanho.



**Figura10 Atividade “Conhecendo Aldemir Martins” 2º ano**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

Para a Atividade Criadora realizaram o desenho de observação percebendo o tipo de linha, cor, tamanho, dimensão. Exploraram os materiais artísticos: giz pastel seco<sup>6</sup> e o Papel Mágico<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> O giz pastel seco é um material artístico bastante antigo, já utilizado por Leonardo da Vinci, que se referia a ele como um material elegante, que servia para “pintar a seco”.

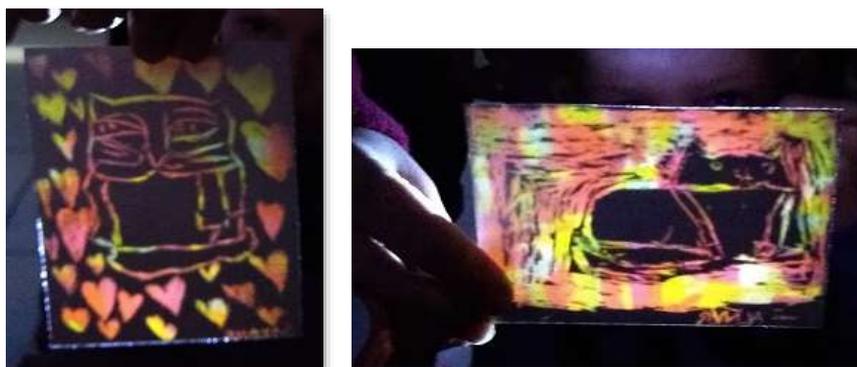
<sup>7</sup> O Papel Mágico é um papel colorido revestido por uma camada preta permitindo que você desenhe com o bastão, arranhando a superfície e fazendo com que a criatividade apareça no papel.



**Figura11 Atividade “Explorando Materiais Artísticos” 2º ano**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

Ao realizarem essa vivência a/r/tográfica descobriram que se colocassem luz atrás do desenho algo acontecia. Escureceram a sala e com a lanterna do celular direcionaram para a imagem e como mágica transparecia o colorido do desenho.





**Figura12 Atividade “Explorando Luz e Sombra” 2º ano**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

#### **2.1.3.4 Turmas do 3º ano**

Nas turmas do 3º ano, o elemento central foi a linguagem musical baseada nas pesquisas de R. Murray Schafer, cuja proposta voltava-se para a qualificação da escuta e a criação musical. O autor classificou essa linha de estudo como o “ouvinte pensante”. Onde o (a) estudante é colocado (a) em uma situação de escuta atenta e sensível, transcendendo os aspectos referentes a apenas ouvir. Isso lhe possibilita uma ampliação perspectiva e reflexiva sobre o mundo à sua volta e sobre a produção musical.

As atividades musicais que propus estimularam a aprendizagem por meio de jogos, tendo o lúdico como referência, de modo que realizassem experimentações com o corpo, com a voz e com materiais diversos. A herança africana que constituiu a música brasileira pulsa nesse trabalho. Sendo passaporte para que os (as) estudantes compreendessem, comparassem e vivenciassem a musicalidade brasileira percebendo a semelhança dos ritmos, da estética da percussão e da expressão corporal na dança.

Propus a formação de grupos para “brincarem” com o jogo de memória sobre os instrumentos musicais de origem africana: atabaque, afoxé, caxixi, agogô, ganzá e xequerê.

Depois, deveriam organizar essas figuras conforme a ordem que fora apresentada, através da audição do CD Conguê. Ao final da aula pedi que perguntassem aos familiares se conheciam os instrumentos de percussão: agogô, berimbau e atabaque. Segundo a pesquisa, muitos já tinham ouvido falar, mas nunca tinham visto e nem tocado nesses instrumentos. E veio à tona que

esses sons estariam relacionados à religião, sendo mencionado que eram de rituais de macumba.

Para desmistificar sobre a cultura afro-instrumentos no Datashow cada um. Informei que o idioma quimbundo e é cheia de pedrinhas, e que de percussão, da espécie do instrumento musical é



esse modo pejorativo de pensar brasileira apresentei imagens dos e expliquei as características de **caxixi** significa "palma da mão" no formado por uma cesta de vime **macumba** é um instrumento musical reco-reco e quem toca esse chamado de macumbeiro.

Na aula seguinte, esses instrumentos, como o maracatu, o afoxé e o samba de roda. Solicitei que fossem descobrindo os instrumentos que apareciam nesses ritmos.

mostrei ritmos que utilizam

O passo seguinte foi conhecer os instrumentos ao vivo. Distribui à turma um afoxé, dois agogôs, um caxixi, um xequerê e um atabaque.

Relembrei a origem de cada um e em que ritmos poderiam ser utilizados. Como não havia objetos para todos, propus movimentos corporais e mímicas que reproduzissem os gestos que se faz ao tocar os instrumentos e utilizassem o corpo para produzir sons. Assim, cada grupo sorteou um instrumento, escolheu uma música conhecida e a reproduziu em conjunto.



Retornei à audição do CD e desta vez pedi que notassem os instrumentos que haviam tocado, explicando som. Eles demonstraram sons, bem como a identificarem (**atabaque**) e o mais agudo



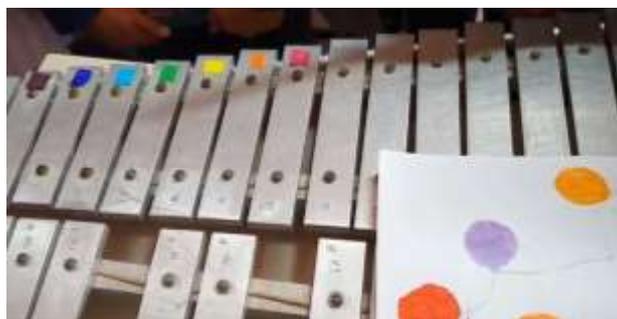
a todos as qualidades do reconhecer os diferentes o timbre mais grave (**caxixi**).

Aproveitando o interesse deles a respeito de como fazer música, após assistirem uma apresentação musical dos 6º anos lembrei de uma formação realizada no Grupo Arte na Escola/ Polo Feevale onde com bolhas de sabão e tinta construímos uma composição musical. Para cada cor a representação de uma nota musical.



Com base nos ensinamentos sugeri que desenhassem com tampinhas de garrafas círculos e pintassem com as cores do arco-íris.

Depois ligaram uma bolinha a outra. Associaram as notas musicais a cada cor. Tocaram sua composição musical.



**Figura15 Atividade no Metalafone “Composição Musical” 3º ano**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

Trouxe a **sonoridade artística** através das obras de Heitor dos Prazeres, pois, além de artista plástico era cantor e compositor, instrumentista, letrista, e ícone da cultura popular carioca e brasileira. A tarefa era realizar uma releitura desta imagem bem como procurar uma música que a representasse.

#### **2.1.3.5 Turmas do 4º e 5º ano**

De acordo com Alves: “Com o advento da lei 10.639/2003<sup>8</sup>, e posteriormente da lei 11.645/2008, a junção Arte e etnia sai da condição de uma possibilidade tornando-se uma obrigatoriedade, o que propõe um novo olhar sobre o currículo de Arte” (ALVES, 2013, p.141), surgindo a necessidade de uma prática pedagógica que reforce a figura do negro como um produtor de arte e cultura.

Focalizando o negro, não como objeto de representação, mas como um agente artístico. Como um ser humano que se expressa pela arte, colocando seus pensamentos, suas ideias, seus questionamentos e sua concepção de vida em obras artísticas, sendo um agente cultural e artístico, que utilizou sua arte como um meio de resistência e luta contra as desigualdades sociais. Uma forma

---

<sup>8</sup> Em 2003 é realizada uma modificação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecendo a obrigatoriedade de ensino de História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar. O caráter político pedagógico contido na referida lei contribui para que a população negra e seus descendentes se reconheçam, tenham a sua memória, sua história, cultura e identidade valorizadas no processo educacional.

de empoderamento, um meio de ter voz e vez para enfrentar os obstáculos de sua realidade.<sup>9</sup>

Pensando nesse ambiente imagético, os (as) estudante assistiram o vídeo “Museu Afro-Brasil: Artes Plásticas”<sup>10</sup>.

Nesses segmentos escolares colocamos em prática uma das Competências Específicas da Arte para o Ensino Fundamental conforme as orientações da BNCC que é a de pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

A proposta era criar uma produção artística observando as características que compõem a poética nas obras do (as) artista escolhidos (as). Primeiro realizei um sorteio. Cada estudante retirou a foto com o nome do (a) artista.

Depois, entreguei uma ficha com alguns dados a serem pesquisados ora em casa, ora no laboratório virtual de aprendizagem na escola.

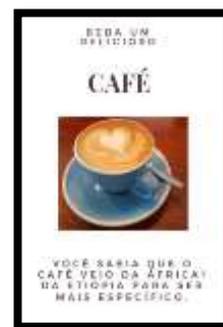
Para apreciação do subsídio didático acesse:

<https://drive.google.com/file/d/1r0-MdHroMz9lDZ61Ai68efbZ9NtU14UT/view?usp=sharing>

As produções artísticas que exemplificam essa atividade foram escolhidas através de um sorteio. Para conhecê-las acesse:

[https://drive.google.com/file/d/1dqYLgo0n\\_cE3Cryw02Ye2qVUBig3gwxA/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1dqYLgo0n_cE3Cryw02Ye2qVUBig3gwxA/view?usp=sharing)

Antes de prosseguir com a leitura proponho a você leitor que



<sup>9</sup> Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 10, n. 2, p. 140 – 189 – maio /agosto. 2017 ISSN 1983 – 7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734826911>

<sup>10</sup> O vídeo onde apresenta quadros, esculturas e instalações de artistas negros brasileiros, representantes do período barroco, da arte acadêmica, moderna e contemporânea. Nos direcionando que essa arte é, antes de tudo, uma arte produzida por afrodescendentes. Isso, porém, não dá conta das temáticas afro-brasileiras na arte, assunto que não é exclusivo dos afrodescendentes e que marca a obra de muitos outros artistas. Essa mirada propiciou uma forma didática de tratar a Arte Afro-brasileira, a partir da classificação de Marianno Carneiro da Cunha, que organizou os artistas em quatro grupos: os que só utilizam temas negros incidentalmente, os que utilizam o tema negro de modo sistemático e consciente; os artistas que servem dos temas e das soluções plásticas africanas de modo espontâneo ou inconsciente e os que assumem compromisso com os valores africanos em toda a sua criatividade.

Ao se deliciar com seu café<sup>11</sup> veio na lembrança algum momento? Percebestes o aroma? Despertou sua mente para o imaginário e emoções? Como você descreveria essas sensações?

Na promoção dos sentidos, do imaginário e das emoções você vivenciou uma experiência a/r/tográfica!!

Vygotsky (1999) cita que a percepção, a emoção, a criatividade e a imaginação são processos psicológicos que se relacionam com a arte. O autor afirma que uma obra de arte conta com atividades tanto do pensamento, a razão. Como das emoções.

Essas dimensões de sensibilidade foram propostas para o estudo das linguagens visuais, do teatro, dança, música e linguagens integradas ao diálogo da A/R/Tografia em suas muitas faces entre o criar, ler, produzir, construir, exteriorizar, refletir e as muitas formas de ter experiências com arte fora e dentro da escola.

### 3 CIRANDA DOS AFETOS

Utilizo essa expressão para dar sentido, aos saberes e fazeres presentes nas atividades propostas sobre **Poéticas Afro-brasileiras: diálogo com a A/R/Tografia** sua riqueza de possibilidades, de caminhos que não se esgotaram e não se acabaram. Refere-se, também, a expressão usada para que estudantes participassem do processo avaliativo trazendo à tona sensibilidade, laços de confiança e emoções compartilhadas.

O resultado dessa Ciranda dos Afetos está na consolidação de práticas onde foi um momento significativo de interação, de conhecimento. Para os (as) estudantes, foi o momento de superar limites. Pois, no exercício de escrever, a partir da imagem, foi apontado como parte mais difícil. Não conseguiam organizar e expressar as ideias de forma clara. Mediou-se o letramento estimulando o exercício da escrita na construção dos relatos. Onde percursos

---

<sup>11</sup> Segundo o texto “ A Origem do café” a tradição de “tomar um cafezinho” se popularizou a partir de 1450. Ele era muito comum entre os filósofos que, ao tomá-lo, permaneciam acordados para a prática de exercícios espirituais. Poucos anos depois, a Turquia foi responsável em difundir o “hábito do café”, transformando-o em ritual de sociabilidade. O país foi palco do primeiro café do mundo – o Kiva Han – por volta de 1475. Desde então, tomar café passou a ser “um rito” que se propagou mundo afora. Em 1574, os cafés do Cairo e de Meca eram locais procurados, sobretudo, por artistas e poetas

pedagógicos e registros constituíram possibilidades de discussões, diálogos compartilhamento do que fora pesquisado sobre a escolha do (a) artista e ou técnica, elaboração de conceitos e perspectivas a partir do contato com obras artísticas e processo de criação, ampliando, o repertório imagético e cultural.

Nesse modo, as poéticas dos artistas foram assumindo uma posição de “estimuladora do pensar”. As vivências a/r/tográficas proporcionaram um ponto de encontro de subjetividades, de um modo reflexivo de interação, de tornar aprendizagem mais significativa e ativa., melhoria no desempenho escolar, suscitaram lembranças e abriram espaço para o diálogo, avivando suas memórias, seus sentimentos. Também contribuíram, para “a criação de um relato do sujeito” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 5).

Nas “cirandas” resgatávamos um dos maiores princípios africanos, a oralidade:

Resgatando a oralidade utilizamos as falas, os registros de memória das crianças e das pessoas que estão nela, numa confluência de diálogos onde cada um identifica algumas relações no seu próprio ciclo de vida com a cosmovisão africana. (RUFINO, 2013, p.3)

Para apreciação artística, jogos pedagógicos e cartões com obras de artistas afrodescendentes foram elaborados, a fim de possibilitar essas intervenções, experimentações e fazer artístico. Atividades lúdicas e imaginativas descortinaram exploração de materiais diversificados para a criação poética. A perspectiva de fazer um seminário com os alunos para agregar outros sujeitos nessas vivências necessitou ser adiada para o próximo ano. Em razão do tempo e de situações alheias à minha vontade.

Essa articulação de imagens e textos no contexto A/R/Tográfico proporcionou, o protagonismo do Ensino da Arte nas vivências educativas de forma efetiva no dia-a-dia. Seja através da contextualização de uma história através do jogo para achar as silhuetas das conchas, no mergulhar na imaginação nas atividades envolvendo a sacola **Sereiando**, na degustação da massa de conchinhas, na descoberta de sombra e luz que como mágica transparecia o colorido do desenho. Na sonoridade artística ao tocar no Metalafone sua paisagem musical ou ao criar uma produção artística observando as características que compõem a poética nas obras do (as) artista afrodescendentes escolhidos (as). Também nas possibilidades de produzir,

editar, fotografar, filmar, cantar, dançar, desenhar, de ver a riqueza de cores, texturas, técnicas combinando-as com a liberdade de criar e poetizar. Potenciais para aguçar a sensibilidade.

Nesse sentido a aprendizagem em Arte veio da reflexão e das ideias criadas, de relacionar conceitos, muitas vezes improváveis, misturar tudo e tirar dali novas percepções, estratégias e novos entendimentos.

Reconhecendo que a Arte, a pesquisa e o ensino não são feitos, mas vividos.

## REFERÊNCIAS

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Na dança e na Educação: o círculo como princípio**. Revista Educação e Pesquisa. Online. 2009, vol.35, n.1, pp. 177-193. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 10, n. 2, p. 140 – 189 – maio /agosto. 2017 ISSN 1983 – 7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734826911>

SCHNEIDER, B.; BLIKSTEIN, P.; PEA, R. The flipped, flipped classroom. The Stanford Daily, aug.2013. In BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

SPPRINGAY, S.; IRWIN, R. L.; LEGGO, C.; GOUZOUASIS, P. (Orgs.). Being with A/r/tography. Rotterdam: Sense Publishers. 2008.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Psicologia da arte**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes [1925], 1999.